

“Muito mais que um jogo”: a diversidade cultural nas práticas esportivas dos povos indígenas como temática para o ensino de História

“Much More than a Game”: Cultural Diversity in Sports Practices for Indigenous Peoples as a Theme for Teaching History

Vinícius Silveira Luz*

RESUMO

No presente artigo, busca-se narrar algumas experiências acerca do esporte e dos jogos tradicionais indígenas como temática para o ensino de História em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. O conteúdo abordado em sala de aula foi o de “Povos Indígenas em Santa Catarina”, utilizando-se competições esportivas realizadas por povos indígenas e a prática esportiva em comunidades indígenas como forma de abordar a cultura indígena na contemporaneidade. As análises realizadas em atividades pelos alunos desempenharam papel avaliativo e auxiliaram na investigação da questão inicial que orientou essa experiência de ensino com finalidade didática: estudar a diversidade dos povos indígenas através do conhecimento sobre suas práticas esportivas. A busca pela resposta dessa questão também passa

ABSTRACT

In this article, we seek to narrate some experiences about sport and traditional indigenous games as a theme for teaching History in a class of 6th grade of Elementary School at the Colégio de Aplicação of the Federal University of Santa Catarina. The content covered in the classroom was “Indigenous Peoples in Santa Catarina”, using sports competitions held by indigenous peoples and sports in indigenous communities as a way of addressing indigenous culture in contemporary times. The analyzes carried out in activities by the students played an evaluative role and helped in the investigation of the initial question that guided the research: to study the diversity of indigenous peoples through knowledge about their sports practices. The search for the answer to this question also involves promoting actions to raise students’ awareness of the diversity and richness

* Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, SC, Brasil. vini.sluz80@gmail.com

pela promoção de ações para sensibilização dos alunos sobre a diversidade e riqueza da cultura indígena, portanto, temática central do artigo.

Palavras-chave: esporte; cultura; História indígena.

of indigenous culture, therefore, the central theme of the article.

Keywords: sport; culture; indigenous History.

O APITO INICIAL

No período de docência do Estágio Curricular Supervisionado em História, trabalhei em sala de aula, com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental B do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a temática dos “Povos Indígenas em Santa Catarina”, com foco nos Kaingang da Terra Indígena Xaçecó, no oeste do estado de Santa Catarina. A partir do uso do esporte como temática para o ensino de História, busquei, na prática dos jogos tradicionais e na introdução do futebol em algumas sociedades indígenas, formas de afirmação e manifestação da cultura indígena na atualidade, bem como o reconhecimento dos alunos a respeito da experiência Kaingang na Terra Indígena Xaçecó, por meio da identificação do futebol como parte do cotidiano e da cultura indígena local. Essas são questões que orientaram para uma prática do ensino de História indígena voltada para a contemporaneidade e para a pedagogia decolonial, vista aqui como a tentativa de “subverter o imaginário eurocêntrico e colonialista que ainda se perpetua na história sobre os indígenas” (NUNES, 2017, p. 8).

A legitimidade da temática e o seu motivo de ser se dão em razão do conhecimento dos gostos da turma durante o período de observação do Estágio II,¹ o qual foi fundamental para a realização dessa atividade. Nesse sentido, por meio de elementos próprios do cotidiano dos estudantes, como o gosto pelo esporte, em especial o futebol, busquei essa conexão com o conteúdo escolar. Dessa forma, poderíamos passar de uma narrativa “simples” sobre futebol, para uma narrativa histórica sobre a cultura indígena, onde a apropriação do conhecimento seria, portanto, permeada de sentido e significação por parte dos alunos, de acordo com Caimi (2006). E ainda alcançaria um potencial sensível por meio da experiência da alteridade que, nas palavras de François Laplantine, “leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa

dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’” (LAPLATINE apud SOSA, 2010, p. 136).

A relevância dessa experiência didática se dá na medida em que a aproximação com a temática indígena levaria também à reflexão dos alunos a respeito do que conhecem sobre o tema, sobre o que veem e ouvem nas mídias, nas ruas e no seu cotidiano de forma geral. Por isso, passa invariavelmente pelo trabalho com a desconstrução de preconceitos e estereótipos, a promoção de ações para sensibilização dos alunos a respeito da diversidade e riqueza da cultura indígena, o protagonismo indígena e as diferentes formas de fazer e registrar a História. A importância se dá, também, na medida em que é obrigatório o ensino de História indígena em todo o currículo escolar brasileiro, com base na Lei n. 11.645/2008, que altera a Lei n. 10.639/2003, notória por introduzir o ensino obrigatório de História e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados do país (BRASIL, 2008).

Na perspectiva do ensino de História indígena, é fundamental trabalhar com a temática a partir da abordagem da Nova História Indígena. Essa perspectiva de ensino “busca conhecer ações e interpretações de sujeitos e povos indígenas, diante de realidades diversas, ao longo da história do Brasil” (WITTMAN, 2015, p. 14). Dessa forma, a partir da observação das experiências sociais e culturais específicas dos povos indígenas, podemos obter uma outra visão para a temática indígena, reconhecendo a perspectiva dos próprios indígenas sobre sua história, colocando em cena suas próprias interpretações e, portanto, compreendendo o indígena como protagonista e agente da sua própria história. Desse modo, busquei um conhecimento que fosse além do pensamento e dos filtros ocidentais com os quais foi construída uma concepção de mundo extremamente estereotipada acerca dos indígenas, relegando-os a um passado remoto e a um futuro quase não existente. Nesse sentido, os esportes e atividades recreativas tradicionais dos povos indígenas são vistos aqui em paralelo à incorporação do futebol em diversas sociedades indígenas como resultado do processo histórico e de mudanças socioculturais, ou seja, como fenômenos culturais próprios de cada sociedade. Ao contrapor a visão estereotipada de imutabilidade da cultura indígena e identificar a prática de esportes e do futebol como expressões culturais dotadas de sentido e significação histórica, busco o estabelecimento de uma conexão entre os alunos e a expe-

riência indígena na atualidade, por meio de elementos próprios do seu cotidiano, como o gosto pelo esporte, em especial o futebol.

O trabalho foi também motivado pelo meu interesse em esportes, em especial o futebol, e pela visão de que o estudo dos mesmos é também um estudo da sociedade e da cultura contemporânea, principalmente no Brasil. Nesse sentido, o antropólogo Roberto Damatta afirma: “É parte do meu entendimento que quando eu ganho uma certa compreensão sociológica do futebol praticado no Brasil, aumento simultaneamente minhas possibilidades de melhor interpretar a sociedade brasileira” (DAMATTA, 1982, p. 21). Por unir diversas camadas da esfera social, ao analisar o futebol em determinada sociedade, podemos entender melhor como essa funciona, seus ritos, valores, formas de expressão da cultura, ideologia e preocupações sociais. O futebol é então um quadro no qual a vida, suas ansiedades, alegrias e fenômenos sociais são emoldurados. No Brasil, podemos analisar isso no episódio da derrota na final da Copa do Mundo de 1950, disputada no país. Em um 16/07, teve lugar o evento inesquecível e considerado como “talvez a maior tragédia da história contemporânea do Brasil” (DAMATTA, 1982, p. 31), em que mais de 200 mil pessoas assistiram atônitas à seleção do Uruguai sagrar-se campeã em cima da seleção do Brasil, em pleno Maracanã. O episódio, que a princípio revela apenas o enorme engajamento da sociedade brasileira com a prática do esporte no país, quando analisado mais de perto, revela o fenômeno social do racismo na sociedade brasileira, no qual o então goleiro da seleção nacional, Moacyr Barbosa, apesar de não ter falhado no lance do último gol da seleção uruguaia, foi considerado e é lembrado até hoje como o maior culpado pela derrota. Fato que pode ser melhor observado no curta-metragem brasileiro de 1988 intitulado “Barbosa”, dirigido por Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado.

APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

Entendendo que determinada atividade, no caso o esporte, pode ser apropriada de formas diversas em diferentes sociedades, busco analisar como os esportes em geral e o futebol em específico são praticados pelos povos indígenas e o que esses revelam de sua organização social, expressões culturais, valores e atuação na contemporaneidade. Nesse sentido, cabe aqui outra citação do antropólogo Roberto Damatta: “O futebol praticado, vivido, discutido e

teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982, p. 21). Entendendo que a citação também pode ser usada para descrever as sociedades indígenas, trabalhei com a turma do 6º B os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, que ocorreram em 2015, o Gavião Kyikatejê Futebol Clube, um clube de futebol criado pela etnia Gavião Parkatêjê, que ocupa a região do estado do Pará e a prática e incorporação do futebol na Terra Indígena Xaçepó, em Santa Catarina.

A metodologia de aula usada foi a aula-colóquio, com reflexões pertinentes à abordagem construtivista e o modelo de aula-oficina. Desse modo, utilizando a teorização de Isabel Barca (2004) sobre a aula-oficina como forma de refletir acerca das limitações do modelo dialogado, explorei possibilidades da abordagem construtivista dentro da metodologia de aula-oficina. (BARCA, 2004, p. 137). Portanto, buscando aproximações com o modelo de aula-oficina, favoreci o caráter interativo da aula e a participação dos alunos em seus saberes. Para essa abordagem, é fundamental ter outro olhar para com os estudantes, de forma a enxergá-los como pessoas dotadas de saberes próprios, desejos, projetos, visões de mundo e formas de dar sentido para o conteúdo aprendido de acordo com sua própria individualidade. A autora Flávia Eloisa Caimi (2006) faz uma observação muito pertinente nesse sentido: “Levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é, pois, abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento histórico, mas garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólida aprendizagem” (CAIMI, 2006, p. 24).

Como se faz necessário na abordagem da Nova História Indígena, a metodologia das aulas foi fundamentada com base em fontes diferentes das tradicionais trabalhadas pela História. Portanto, fiz o uso de fontes audiovisuais, iconográficas e relacionadas ao esporte. Produzidas e pensadas a partir do olhar do indígena, essas fontes nos permitem uma visão da história além do convencional. Ou seja, indo além do pensamento e dos filtros ocidentais com os quais foram construídos uma concepção de mundo extremamente estereotipada acerca dos indígenas. Desse modo, foram trabalhados com os alunos três peças audiovisuais, apresentando a temática proposta e as diversas experiências indígenas de maneira interativa. O primeiro é intitulado *#MenosPreconceitoMaisÍndio*, o segundo, *Jogos Mundiais dos Povos Indígena*

nas: uma celebração histórica e o último *Gavião Kyikatejê Futebol Clube: O documentário*. Fontes iconográficas foram usadas em complemento às obras audiovisuais como forma de ilustrar melhor alguns temas específicos, como a história do futebol, sua relação com a sociedade e o cotidiano na Terra Indígena Xaçepó.

As fontes utilizadas para a resolução da questão principal levantada pelo presente artigo, a lembrar, “a diversidade cultural nas práticas esportivas dos povos indígenas como temática para o ensino de História”, são compostas das reflexões realizadas pelos alunos em duas atividades. As atividades foram desenvolvidas como forma de explorar diferentes perspectivas das duas metodologias de aulas propostas para a docência, a aula-oficina e a aula expositiva dialogada. Desse modo, a primeira avaliação favorecia uma perspectiva mais tradicional do ensino de História, na qual os alunos tiveram que articular os conteúdos abordados em sala de aula e nas fontes por meio da escrita, com a elaboração de um parágrafo contendo suas reflexões acerca do tema. Já a segunda avaliação buscava utilizar os conhecimentos prévios e gostos próprios dos alunos na confecção de uma história em quadrinhos que contivesse em sua narrativa alguns conceitos trabalhados em sala de aula, como: esporte, cultura, terra e preconceito. Nesse sentido, os alunos podiam escolher o conteúdo mais significativo para cada um e explorá-lo, dar um sentido próprio para o mesmo.

Nas atividades, as respostas dos alunos foram categorizadas conforme temática trabalhada, de modo a perceber quais inferências foram realizadas pelos alunos e como o conteúdo trabalhado em sala de aula foi colocado nas narrativas dos estudantes. Como o tema central da primeira atividade era o futebol, organizei as respostas de acordo com as temáticas que faziam relação com o esporte, sendo elas as conexões entre a prática do futebol e o combate aos estereótipos, a prática do futebol como uma demonstração de que as tradições indígenas não estão necessariamente ligadas apenas ao passado e a identificação do futebol como um aspecto da cultura dos povos indígenas. Na segunda atividade não tínhamos um tema central, mas alguns temas que deveriam ser escolhidos pelos alunos para serem trabalhados em suas respectivas narrativas. Por essa razão, as histórias foram categorizadas entre a temática do futebol praticado por indígenas, o preconceito, os esportes tradicionais indígenas, o processo de colonização das terras no estado e as terras indígenas.

Vale destacar que, mesmo com essa categorização, todas as atividades tinham como ponto de intersecção o trabalho com o preconceito e os estereótipos, o que por si só é um dado importante para a constatação das inferências históricas e da dimensão do aprendizado dos estudantes.

Antes de começar o conteúdo propriamente dito, precisávamos mapear os conhecimentos prévios dos alunos em relação à temática indígena. Por isso, conduzimos um questionário que buscava averiguar o conhecimento dos alunos em relação à diversidade cultural indígena, estereótipos e a relação dos indígenas com os esportes e o futebol. Numa amostragem de 23 estudantes, 6 alunos responderam no questionário que não achavam que indígenas jogavam futebol e existiam clubes indígenas, enquanto 17 alunos responderam que achavam que existiam clubes de futebol indígena, dentre os quais 3 alunos responderam que conheciam o time do Paraná e do Guarani, talvez referindo-se ao Guarani da Palhoça, time de Santa Catarina, e ao Guarani de Campinas, do interior de São Paulo. Apesar do clube Guarani de Campinas ser batizado em homenagem à obra de Carlos Gomes, a ópera *O Guarani*, baseada na obra homônima de José de Alencar, e o Guarani da Palhoça em referência aos indígenas que habitam o Morro dos Cavalos, na região da Grande Florianópolis, foi possível perceber que a grande maioria dos alunos têm conhecimento da temática do futebol indígena, chegando ao ponto de conseguir identificar certos símbolos que notoriamente identificam a cultura indígena.

Em relação à prática esportiva, no questionário colocamos cinco alternativas para os alunos assinalarem quais jogos acham que são praticados pelos povos indígenas, entre eles, futebol, peteca, luta, arco e flecha e atletismo, portanto, três esportes mais associados à cultura não indígena e dois mais associados à cultura indígena. Dentre os alunos, 5 associaram os indígenas apenas à prática de arco e flecha e peteca, 1 apenas à luta, 1 à luta e ao arco e flecha, 1 ao futebol e à peteca, 1 apenas ao arco e flecha, 3 ao futebol e ao arco e flecha, 1 ao futebol e atletismo e 5 a futebol, peteca e arco e flecha. Portanto, apenas 5 alunos conseguiram identificar 4 ou mais esportes praticados pelos indígenas, sendo que apenas um aluno identificou os 5. Nesse sentido, podemos perceber que a maioria dos alunos na sala ainda vincula os indígenas apenas a esportes tipicamente associados aos mesmos no senso comum.

A EXPERIÊNCIA INDÍGENA NA SALA DE AULA

Com a base colocada pelo questionário preenchido pelos estudantes, buscamos refletir com os alunos, em um primeiro momento, que muitas das concepções que vinculam os povos indígenas a certos esportes e não a outros são concepções baseadas em estereótipos, como podemos observar no questionário aplicado em sala de aula. Para ilustrar a questão, os alunos assistiram à obra audiovisual *#MenosPreconceitoMaisÍndio*, que retrata, entre muitos estereótipos vinculados aos indígenas, a noção de que indígena não pratica futebol porque não é “coisa de índio”. Nesse sentido, discutimos a diferença entre preconceito e estereótipo e alguns dos principais exemplos dos mesmos na sociedade e na própria vida dos alunos, para pensarmos que aquilo que vimos no vídeo não está tão distante de nós quanto pensamos. Aí o preconceito foi definido como um fenômeno histórico e um pré-julgamento sentimental que fazemos de um determinado grupo de pessoas, portanto, uma atitude negativa diante daquilo que pensamos, sentimos e colocamos no mundo sobre esse determinado grupo. Enquanto o estereótipo é definido como um conjunto de características que acreditamos serem partilhadas por todos os membros de um determinado grupo.

Iniciando as discussões da temática indígena em sua relação com o esporte, trabalhamos com a já citada obra audiovisual *Jogos Mundiais dos Povos Indígenas: uma celebração histórica*, que retrata os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Os Jogos tiveram sua primeira edição em 2015, em Palmas, capital do estado de Tocantins. O evento reuniu cerca de 2 mil atletas, representantes de 30 nacionalidades e 24 etnias. Ao todo, os atletas participaram de 16 modalidades esportivas, que reuniam jogos tradicionais dos povos indígenas e jogos ocidentais, como: arremesso de lança, arco e flecha, cabo de força, natação, corrida de toras e futebol. Os Jogos foram apresentados como ferramenta importante para o entendimento da cultura indígena na medida em que buscava valorizar e manter vivos os jogos tradicionais indígenas, que têm caráter de patrimônio cultural imaterial, de acordo com os termos da Convenção de 2003 da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (ROQUE, 2017, p. 22). Pensando na dimensão de patrimônio cultural, os jogos tradicionais fazem parte e expressam as tradições, hábitos, lugar onde vivem e rituais de cada grupo, sendo por meio desses que formam sua

identidade e se relacionam entre si e com diferentes pessoas. Além do aspecto integrador entre diferentes culturas, segundo a publicação-síntese do evento elaborada em colaboração do Ministério do Esporte, o Comitê Intertribal, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) Brasil e a UNESCO, os jogos reforçam outros marcos internacionais do direito dos povos indígenas, como:

A Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2007) e a Declaração de Punta del Este (1999), que instam os países a valorizar os jogos indígenas e tradicionais, incluindo a elaboração de uma “lista mundial de esportes e jogos” e a promoção de “festivais mundiais e regionais”. (ROQUE, 2017, p. 10)

Portanto, a diversidade cultural presente no evento e nos jogos é evidente no material apresentado aos alunos, que retrata também manifestações culturais artísticas presentes em danças, cantos, pinturas corporais, artesanato e tecnologias.

A apresentação dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas foi importante para a ressignificação do que os alunos pensam a respeito da cultura indígena e dos esportes indígenas ao terem contato com jogos completamente diferentes do que temos por comum, como a “Bola do Jogo”, uma espécie de jogo de bola pré-hispânico, apresentado pela Guatemala e que tem sido praticado pelos Maias desde 1400 a.C. (ROQUE, 2017, p. 45). Mas também jogos que têm muito em comum com o cotidiano dos alunos e que não são conhecidos, como o “Akô”, que é uma prova de velocidade semelhante ao revezamento 4 x 400 metros do atletismo e praticada somente pelos povos Gavião Parkatêjê e Kiyikatêjê, originários do sul do Pará (ROQUE, 2017, p. 39). São então imagens em conflito, uma imagem estereotipada dos indígenas e uma imagem que os aproxima da vivência dos alunos e propõe a existência de intercâmbios culturais entre indígenas e não indígenas. Além disso, expressões de determinada cultura em determinado tempo.

Com a noção de que esporte é cultura, e vice-versa, partimos para a compreensão de que o futebol é uma dessas formas de se expressar culturalmente, uma vez que apropriado de formas diversas em diferentes sociedades, revela muitas nuances de seu desenvolvimento através da história. No caso das po-

pulações indígenas, vemos a introdução do futebol nessas sociedades como modo de relacionar-se com processos de mudança histórica e posteriormente como forma de autoafirmar-se socialmente. Nesse sentido, é fundamental colocar para os alunos que as culturas dos povos indígenas não são feitas apenas de tradições e de passado, mas estão conectadas com o presente e em contato com outras culturas, hábitos, tradições e mudanças que vêm e vão através da história.

Seguindo essa linha de pensamento, finalizamos o primeiro momento em sala de aula também com o mini-documentário *Gavião Kyikatejê Futebol Clube: O documentário*, que retrata o cotidiano de treinamentos do Gavião Kyikatejê Futebol Clube, um clube criado pela etnia Gavião Parkatêjê, que ocupa a região do estado do Pará em cerca de 650 pessoas. O clube tem posição de destaque na mídia porque foi o primeiro clube de futebol formado por indígenas a participar da primeira divisão de um campeonato estadual – em 2014, tendo como destaques do clube o presidente e líder indígena Zeca Gavião e o atacante Aru Sompré, artilheiro do time. O objetivo principal do trabalho com essa questão era entendermos que a ocupação indígena de espaços tidos pelos alunos como não indígenas, como o futebol, (vide o questionário aplicado em sala de aula) não torna os indígenas menos indígenas e, muito pelo contrário, observamos a introdução do futebol na população Gavião Parkatejê que, articulando jogos tradicionais indígenas, tais quais a corrida de tora, como parte da rotina de treinamento da equipe, propôs intercâmbios culturais e a ressignificação desses papéis sociais e culturais normativos.

Num segundo momento das aulas, de modo a trazer a discussão para mais próximo do cotidiano dos alunos, aprofundar a noção de alteridade e diversidade e também para dar conta do conteúdo de Povos Indígenas em Santa Catarina, iniciei o trabalho com os Kaingang apresentando o vídeo *Demarcar terras indígenas é honrar nossos ancestrais, Joziléia Daniza Kaingang, TEDxFloripa*, que introduz a questão da demarcação de terras e das relações da cultura Kaingang com a terra. O vídeo apresenta um relato da antropóloga Joziléia Daniza Kaingang sobre o processo de colonização e expulsão dos Kaingang de suas terras no estado de Santa Catarina e a importância desta para o seu povo, cuja relação com a terra transcende os limites ocidentais e faz parte de toda sua visão de mundo e cosmologia. O relato emocionado da antropóloga, além de apresentar a cultura Kaingang em suas especificidades e visões de mundo,

busca dar aos alunos a noção de empatia e alteridade em relação à experiência Kaingang, sendo também importante para o conceito de protagonismo indígena, para que os estudantes possam ter a oportunidade e o tempo de ver e ouvir um indígena falando sobre sua própria experiência. Mais tarde, na atividade proposta, pudemos observar como alguns alunos trabalharam com conceitos e temáticas retratadas por Joziléia em função da carga emocional de seu discurso.

Como o tema do vídeo é a demarcação de terras e a Terra Indígena Xaçepé é uma das temáticas dessa experiência de ensino, considere fundamental tratar da questão de terras no estado de Santa Catarina, principalmente no que tange a introdução das terras indígenas no território do estado. Nesse sentido, estudamos o processo de colonização do estado e de retirada dos indígenas de suas terras. Como forma de aprofundarmos a discussão sobre territórios indígenas em SC, trabalhamos com a importante noção de que as terras indígenas foram criadas como “lugar de índio”. Segundo o pesquisador Carlos Brighenti: “Esses eram os ‘lugares de índios’, mais do que Guarani, Kaingang ou Xokleng, esses eram locais do índio genérico, o índio transitório, o índio que em breve deixaria de ser índio, na interpretação do Estado” (BRIGHENTI, 2012, p. 266). Vimos em sala de aula também os processos de organização e luta dos indígenas pelas terras tomadas pelos não indígenas. Processo que culminou na Constituição Federal de 1988, que, por meio do Artigo 231, reconheceu que as terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas são pertencentes a esses povos e, portanto, reconhecendo seu direito originário.

O estudo da introdução do futebol na Terra Indígena Xaçepé de certa forma articula tudo que vimos até o momento: futebol, estereótipos e terra. A Terra Indígena Xaçepé foi criada em 1902 pelo governo do Paraná por meio do Decreto nº 07, época em que a região oeste compunha o estado do Paraná (BRIGHENTI, 2012, p. 266). Assim como era comum à época, o território foi vítima de inúmeras posses irregulares. Marcado pela negligência de funcionários do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), comandados por princípios norteadores da política indigenista que consideravam o indígena como um ser inferior, tutelado e em transição, levou à quase perda total das Terras Indígenas Xaçepé. Hoje, porém, a terra abriga cerca de 5.338 pessoas (2010), entre os povos Kaingang e Guarani.

O interesse nessa terra indígena, doravante denominada TI, se dá pela

forte relação dos seus habitantes com o futebol. Criado por volta de 1863 na Inglaterra e presente no Brasil desde os primeiros anos do século XX, o esporte foi introduzido na TI na década de 1950 através do professor não indígena Samuel Brasil. A data coincide com a Copa do Mundo de 1950 no Brasil, que representa um aumento expressivo na popularidade do esporte no país. A partir de então, a prática esportiva foi se expandindo cada vez mais até se tornar hoje um fator de identificação cultural entre os Kaingang, permitindo-nos conhecer muito sobre sua história, cultura e formas sociais (SILVA, 2012, p. 387).

Inicialmente praticado apenas nas escolas por influência do professor Samuel, o futebol se espalhou pela TI a ponto de ser criado, em 1982, o clube da aldeia, o Esporte Clube 19 de Abril, onde eram disputadas partidas em campeonatos com times não indígenas da região. O clube, com seu desenvolvimento, passou a ser composto por não indígenas também, além de possuir toda a estrutura de um time amador: diretoria, uniformes e treinos. Vale destacar que existia também um time feminino na TI, algo que até hoje é tabu entre grandes clubes do país.

O caso é extremamente interessante porque vemos, por meio desse, como o futebol no Brasil de fato colaborou e ainda colabora para a “rearticulação de nossas identidades sociais”, ajudando a unir uma sociedade tão dividida por problemas sociais, como o preconceito (SILVA apud DAMATTA, 2006, p. 163). Assim como com a sociedade brasileira, o futebol, no caso da TI Xaçpecó, é um laço de união entre indígenas e não indígenas e a prática do esporte é tão forte entre os Kaingang que é quase como um esporte tradicional, já que os indígenas se identificam e se afirmam como indígenas por meio da prática desse esporte. Portanto, da mesma forma que o futebol foi incorporado pelo “espírito nacional”, foi também incorporado às sociedades indígenas, colaborando da mesma maneira para o fortalecimento de suas identidades.

AS ATIVIDADES

De modo a observar as inferências realizadas pelos alunos com a apresentação das temáticas propostas no primeiro momento, foi realizada em sala de aula uma atividade em que os alunos deveriam responder às seguintes questões: Por que o esporte é importante para a cultura indígena? Por que o espor-

te é uma manifestação da cultura indígena que ajuda no combate ao preconceito contra os povos indígenas?

Para entendermos o significado e a dimensão que os alunos deram ao conteúdo e as fontes apresentadas, é necessário entender o significado de inferência histórica. Esta é como um diálogo que o aluno faz com a fonte histórica, em que o mesmo é capaz de criar hipóteses, fazer perguntas e dar um valor àquilo que observou (URBAN, 2015, p. 18). Nesse sentido, buscamos nas respostas dos alunos palavras e reflexões que faziam diálogo com o trabalho em sala de aula. Assim, 13 respostas faziam conexões entre a prática do futebol e o combate aos estereótipos de que indígenas não praticam atividades tidas como ocidentais, 1 mencionou a prática do futebol como uma demonstração de que as tradições indígenas não estão necessariamente ligadas apenas ao passado, mas que podem ser ressignificadas na contemporaneidade e 12 identificaram o futebol como um aspecto da cultura dos povos indígenas. Em alguns casos, mais de uma resposta fez menção a duas significações diferentes.

As respostas dos alunos ajudaram a entender o que foi mais significativo para estes durante o período estudado. Muitos alunos conseguiram relacionar a prática do futebol pelos Gavião Parkatejê com o distanciamento de estereótipos trabalhados em sala de aula. Muitas vezes foram mencionados alguns estereótipos associados aos indígenas e trabalhados anteriormente no vídeo *#MenosPreconceitoMaisIndíó*. Alguns exemplos usados pelos alunos foram a visão de que indígenas só comem com a mão, não usavam celular e apenas caçavam, da mesma forma que retratado no vídeo. Os alunos também conseguiram relacionar a prática do esporte como uma forma de expressão cultural própria e os jogos tradicionais como marca disso, vendo o fato como uma forma de luta e resistência e, portanto, estabelecendo conexões com o que foi visto sobre os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Vemos também menções ao preconceito racial com os povos indígenas.

Podemos observar nas respostas dos alunos:

Porque o futebol é uma forma de demonstrar sua cultura através da corrida de tora por exemplo coisas que ocorrem no dia a dia. Porque o futebol demonstra que os indígenas também fazem diversas coisas além de caçar. (Aluno 1)

Pois o jogo é uma forma de luta, porque a sociedade pensa que indígenas só caçam como esporte, que comem com a mão e que não pode celular nem nada

disso, e eles querem mostrar que eles podem evoluir como nós, que eles podem jogar outros esportes e podem fazer tudo que fazemos. (Aluno 2)

Porque é a cultura deles e isso fortalece a cultura deles. Luta pela cultura e o racismo. (Aluno 3)

Por outro lado, foram comuns menções à cultura dos indígenas como “estranha”, de modo que alguns alunos identificavam a prática do futebol como prova de que indígenas podiam fazer coisas “normais” ou como “pessoas normais”. Como podemos ver:

O esporte é importante para cultura indígena por que, é um jeito de se manifestar mostrar que os indígenas também podem fazer coisas como pessoas normais. (Aluno 4)

Porque é um jeito de se manifestar, e pra mostrar que os indígenas podem fazer coisas normais. (Aluno 5)

Uma vez articuladas as temáticas de primeiro e segundo momento, era hora de averiguar como os alunos haviam compreendido e dado sentido àquilo que vimos em sala de aula. Para isso foi conduzida a avaliação final dos estudantes. A atividade de avaliação foi intitulada “Conhecimento em prática” e tinha como objetivo a elaboração de uma pequena história em quadrinhos, com no mínimo 3 quadrinhos, contando uma história sobre os indígenas onde deveriam aparecer um ou mais temas estudados em sala de aula, como: esporte, cultura, terra e preconceito. Nesse sentido, 12 alunos produziram histórias que tinham como temática o futebol praticado por indígenas, 1 falava sobre o racismo, 2 sobre esportes tradicionais indígenas e 7 sobre o processo de colonização das terras no estado e as TI. Todos têm em comum a presença da temática da luta contra o preconceito.

Na primeira história em quadrinhos temos uma narrativa que funciona como um “passeio” pela história do futebol, apresentando nos desenhos representações de diferentes épocas e elementos estudados em sala de aula do processo de desenvolvimento do futebol. A narrativa faz menção ao fato do esporte ser extremamente elitizado inicialmente no Brasil, uma vez que, importado da Inglaterra, apenas falantes do inglês conseguiam ler as regras e entender alguns termos específicos, como *corner* e *goalkeeper*, isso em um país onde a

Figura 1 - Desenho de aluna.

Título: Futebol e os indígenas



Fonte: Acervo do autor.

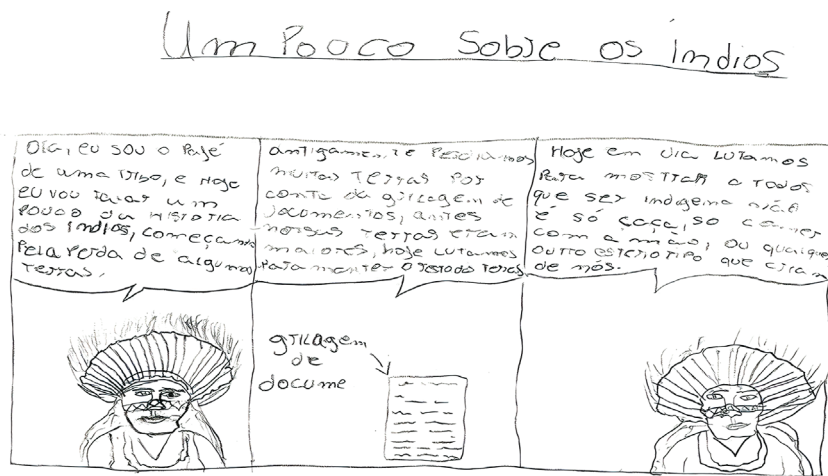
Figura 2 - Desenho de aluna.

Título: O futebol da minha História! ❤️



Fonte: Acervo do autor.

Figura 3 - Desenho de aluna.



Fonte: Acervo do autor.

maioria absoluta da população era analfabeta. Menciona também a lenta popularização da prática desse esporte, que pode ser relacionada com o *boom* de popularidade ocorrido nos anos 1950, com o acontecimento da Copa do Mundo no país e posteriormente com a introdução do futebol na Terra Indígena Xapecó pelo professor Samuel Brasil. Por fim, apresenta a total introdução do futebol na cultura indígena e sua ressignificação como forma de identificação e afirmação da identidade indígena. Valorizando, assim, uma visão não essencialista da cultura indígena, ou seja, que tem os indígenas como sujeitos históricos articulados aos processos históricos e socioculturais de mudança.

A segunda história em quadrinhos apresenta uma narrativa fictícia, reflexiva e que contém uma moral no final. O tema central da mesma é também o futebol. A aluna apresenta um indígena que sonha em ser jogador de futebol, mas se questiona sobre o porquê de tanto preconceito. Vinte anos depois do momento, o menino aparece marcando um gol e sendo considerado o melhor jogador de futebol do mundo. A princípio dando um tom mais personalista e talvez ingênuo para a narrativa, a aluna traz à tona uma discussão muito importante para o estudo da cultura e da identidade indígena: a representatividade. Nesse sentido, o menino se questionava sobre o porquê do preconceito

pelo motivo de não ver nos jogadores de futebol, aqueles que admira, pessoas que se assemelham fisicamente e culturalmente a ele. A representatividade funciona, então, como um processo de reconhecimento e afirmação de sua identidade por meio de modelos e imagens positivas. A narrativa, usa da representatividade e do impacto de ter um indígena no topo do mundo como forma de apresentar a possibilidade de os mesmos serem quem quiserem e terem a possibilidade de sonhar, como o menino faz ao questionar o preconceito no primeiro quadrinho e que é desenvolvida apenas pelo fato de praticar futebol quando muitos consideravam isso impossível.

No terceiro quadrinho temos uma narrativa que apresenta o relato de um indígena sobre sua história, quase como a representação de um documentário. Essa narrativa, diferentemente das outras duas, apresenta a temática da demarcação de terras. Na história temos o relato de um “pajé” indígena sobre a história dos indígenas, como se estivesse falando para uma câmera. Na história é retratada a grilagem de terras como fator importante para a tomada de terras indígenas, fazendo uma conexão com o processo de colonização de terras no estado a partir da ação de posseiros e grileiros, descrita por Joziléia Kaingang em vídeo apresentado aos alunos. Dessa forma, usando da representatividade indígena para trabalhar a temática das terras indígenas e dos estereótipos, a aluna criou uma história-protesto que representa fundamentalmente o exercício da alteridade e da empatia.

Podemos observar que todas as narrativas apresentadas conseguiram sintetizar em poucos quadrinhos o conteúdo trabalhado em sala de aula, de forma a colocar em todas uma mensagem, ou uma moral da história, contra a estereotipização dos costumes indígenas, contra a injustiça e contra o preconceito. Apesar de serem a princípio histórias descritivas de algumas situações genéricas, os alunos puderam desenvolver um pensamento crítico em relação à temática do estereótipo e relacioná-la com as outras temáticas estudadas em sala de aula, seja o esporte ou sejam as terras indígenas. Portanto, conseguiram “sair da caixinha” de apenas reproduzir descritivamente uma situação semelhante à que viram nas fontes apresentadas, criando uma narrativa própria, única, para os eventos. Puderam, então, estabelecer uma relação única entre o documento e sua experiência e bagagem cultural e, por assim dizer, produziram inferências históricas (URBAN, 2015, p. 17). Esse era precisamente o objetivo da atividade.

O APITO FINAL

Sempre que conduzida uma atividade com base na temática do ensino de História indígena, encontramos diversas dificuldades, possibilidades, exigências e desafios. Com essa experiência não foi diferente. E a missão não foi fácil. Assim que nos deparamos com a possibilidade (ou necessidade) de trabalhar a temática, partimos de uma série de pressupostos que precisam necessariamente ser trabalhados para um bom sucedimento dos seus objetivos. Nesse sentido, os mais comuns dizem respeito ao enorme desconhecimento do brasileiro – eu inclusive – sobre as raízes do seu próprio país e a questão indígena. Desconhecimento que foi herdado pela narrativa histórica hegemônica que relega à História indígena o espaço de estereotipização.

Nos meus tempos de aluno, nunca acreditei no adágio de que “professor também aprende com aluno” – é furada, pensava eu. Agora, sob outra perspectiva, tentando enxergar naqueles alunos um pouco de mim mesmo, acredito que aprendi muito com eles. Na verdade, devo ter aprendido mais do que em qualquer disciplina teórica (não excluindo o valor destas). Aprendi sobre mim mesmo, sobre meus limites, minhas possibilidades, aprendi a lidar com o diferente, com o conflito em tempo real, aprendi com a empatia, com a autoridade e principalmente, aprendi sobre História indígena. Aprendi que História indígena se faz e não se aprende descolada da ação, da mudança de sentidos, da quebra de paradigmas e do descobrimento de paradoxos. Não existe trabalho com essa temática que não passe inevitavelmente pela promoção de ações que busquem, em níveis gerais, o bom exercício da democracia, da cidadania e dos Direitos Humanos. Essas coisas que ultimamente parecem tão raras, mas são caras para o bem-estar social, estão 100% vinculadas com a escola, com o ensino, com a vivência da diversidade e não apenas a sua leitura. E isso não se aprende em nenhum livro de Platão.

Depois que soprado o apito final e a partida tem fim, temos um momento onde podemos descansar, pensar naquilo que foi feito e falado no calor dos acontecimentos, com um pouco mais de calma. Bom, talvez eu tenha sido um pouco “grosso e mandão”,² não por opção, obviamente, mas por pressão de lidar com tamanha responsabilidade e honra que é estar em sala de aula e, querendo ou não, sendo testado. Entretanto, desenvolvida a atividade e baixada a poeira também acredito que posso considerar respondida a questão e

concluídos os objetivos que orientaram essa experiência didática, a lembrar, “a diversidade cultural nas práticas esportivas dos povos indígenas como temática para o ensino de história”.

Em relação aos pressupostos básicos para o ensino de História indígena mencionados acima, penso que eles foram trabalhados em sala de aula com os alunos do 6ºB, como a existência de incontáveis estereótipos sobre a cultura indígena no Brasil, a ideia de transitoriedade da condição de indígena, a concepção de que povos indígenas são “fósseis vivos” e todas as consequências dessa visão de mundo. Por meio das noções de protagonismo indígena, alteridade, empatia e preconceito, sinto que pudemos, como grupo, avançar para uma concepção de mundo mais diversificada e justa. Todavia, o processo educativo de um estudante nunca segue uma linha reta, ele tem altos e baixos e depende de n fatores, por isso, mesmo com muito estudo, algumas “manias” não se perdem entre os hábitos dos estudantes, como o uso da nomenclatura “índio” ou “tribo” e a visão de que para alguns o outro ainda é um “estranho”.

Mesmo assim, a diversidade de narrativas criadas pelos alunos, que foram possibilitadas com a temática do esporte, bem como o uso de categorias como preconceito, racismo, estereótipo, diversidade, cultura, grilagem de terras e terras indígenas mostram que, fundamentalmente, os alunos do 6ºB conseguiram compreender os principais conceitos trabalhados em sala de aula, cada conceito fazendo mais ou menos sentido para cada aluno, bem como fundamentar suas reflexões com base nas fontes apresentadas. Por essa razão, a diversidade cultural indígena, bem como uma mudança na concepção dos alunos sobre a temática indígena pôde ser percebida nas fontes produzidas pelos mesmos, analisadas neste artigo. E isso consequentemente representa um passo a mais na construção da alteridade. É para isso que se estuda História.

REFERÊNCIAS

- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do projecto à avaliação. In: *Para uma educação histórica de qualidade*. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2004.
- BRASIL. LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial

- da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 16 out. 2019.
- BRASIL. *Constituição Federal*. Artigo número 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_231_.asp. Acesso em: 24 out. 2019.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. Povos Indígenas em Santa Catarina. In: NÖTZOLD. Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando. *Etno-história, história indígena e educação: contribuições ao debate*. Porto Alegre: Pallotti, 2012.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. Terras Indígenas em Santa Catarina. In: NÖTZOLD. Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando. *Etno-história, história indígena e educação: contribuições ao debate*. Porto Alegre: Pallotti, 2012.
- CAIMI, Flávia. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Revista Tempo*. Ed. UFF, nº 21, vol. II, pp. 17-32, 2006.
- DAMATTA, Roberto (org). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. In: *Anais X Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as*. Minas Gerais, 2018.
- NUNES, Rodolfo Santos. *Decolonizando o ensino de história indígena em uma oficina pedagógica para estudantes do Ensino Médio*. 2017. 36 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- ROQUE, Lucas. *Jogos mundiais dos povos indígenas: Brasil, 2015: o importante é celebrar!* Lucas Roque, Marcos Terena, Juan Antonio Calfin e Taily Terena. Brasília: PNUD, 2017.
- SILVA, Jeniffer Caroline da. O futebol e os Kaingang: Divertimento, prática esportiva e identificação. In: NÖTZOLD. Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando. *Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate*. Porto Alegre: Pallotti, 2012.
- SILVA, Jeniffer Caroline da. *Bolas, brinquedos e jogos: Práticas de lazer e futebol na*

tradição dos Kaingáng da Terra Indígena Xapecó/SC. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2014. 143 p.

SOSA, Derocina Alves Campos. O Ensino de História e os Conceitos: Encaminhando Discussões sobre alteridade e identidades étnicas na sala de aula. *Revista Historiae*, Rio Grande, v. 1, n. 2, p.135-143, 2010.

URBAN, Ana Claudia. *Aprender e ensinar História nos anos iniciais do Ensino Fundamental*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

WITTMANN, Luisa Tombini (org.). *Ensino (d)e História Indígena*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

NOTAS

¹ O Estágio é realizado como parte obrigatória do curso de licenciatura em História da Universidade do Estado de Santa Catarina e foi orientado pela professora Nucia Alexandra Silva de Oliveira. O período de Regência deu continuidade ao período de observação e realização de oficinas na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, realizado na mesma turma. Uma versão reduzida do presente artigo foi apresentada no XII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – ANPUH PARÁ, em dezembro de 2020.

² Na avaliação da docência uma aluna referiu-se a mim da seguinte maneira: “O Vinícius às vezes ele é grosso e mandão, mas lá no fundo ele é legal”.